

METODOLOGIA PARA PESQUISA EM IMPRENSA: EXPERIÊNCIAS ATRAVÉS D'O PALADINO

Daniela Maria Weber¹

Resumo: Este trabalho procura descrever sobre os cuidados necessários quando da pesquisa em Imprensa, assim como relatar as características do jornalismo gaúcho entre as décadas de 1920 e 30. Faz um relato da sociedade brasileira e gaúcha, considerando fatores políticos, econômicos e sociais como responsáveis pelas alterações de estilo jornalístico. Reúne escritos de diversos pesquisadores e visa auxiliar aos que realizam pesquisas na área.

Palavras-chave: Cuidados metodológicos. Pesquisa em Imprensa. Imprensa gaúcha.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo reunir as teorias e informações relevantes a cerca da pesquisa em imprensa, destacando os cuidados metodológicos necessários quando do uso deste tipo de fonte, principalmente na escrita de textos históricos. Está relacionado à experiência que tive quando da realização de pesquisa com o semanário *O Paladino* (OP), editado e impresso em Estrela, no Rio Grande do Sul, quando da realização da pesquisa intitulada “*A imagem dos Tiros de Guerra no jornal O Paladino (1921-1939)*”². Também traz um breve histórico de como se moldou o jornalismo gaúcho, principalmente entre o início dos anos 1900 até a década de 1930, considerando fatores políticos, econômicos e sociais como coadjuvantes nas alterações perceptíveis, na forma como o jornalismo é produzido e consumido no Rio Grande do Sul.

2 CUIDADOS METODOLÓGICOS NA PESQUISA EM IMPRENSA

Ao se propor trabalhar com imprensa, de imediato é preciso informações que possibilitem conhecer a história do periódico a ser pesquisado. Informações

1 Licenciada em História pelo Centro Universitário Univates (2010); sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari. daniweber@universo.univates.br.

2 Trabalho de conclusão de curso por mim realizado, “*A imagem dos tiros de guerra no jornal O Paladino (1921-1939)*”, orientado pelo professor Mateus Dalmáz (mateusdalmaz@gmail.com), Mestre em História pela PUCRS e professor do Centro Universitário UNIVATES.

do tipo *o que, quando, como, porque* respondem inicialmente e direcionam as demais perguntas.

Tais informações são necessárias no trabalho de pesquisa em jornal, pois

[...] a imprensa age sempre no campo político-ideológico e portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados (ZICMAN, 1985, p. 90).

Conhecer o jornal e os rumos pelo qual caminhava é importante para compreender o contexto em que estava inserido.

Muitos periódicos já foram assim sistematizados outros, assim como *O Paladino*, foi necessário fazê-lo. O fiz da seguinte forma:

O Paladino é uma folha republicana, indicação que consta no cabeçalho do jornal. Era publicado semanalmente, inicialmente aos domingos, sendo mais tarde distribuído aos sábados. Suas atividades iniciaram em sete de setembro de 1921, tendo por proprietário-gerente Antonio Cardoso, um funcionário público federal, casado com uma estrelense. As publicações eram de colaboradores diversos, sendo alguns textos assinados e outros não. A oficina inicialmente ficava na residência do irmão de Antônio Cardoso - e também sócio - Timóteo Cardoso, na Rua Marechal Deodoro, popularmente conhecida como Rua da Praia (WEBER; DALMÁZ, 2010a, p. 15)

Isto para iniciar a caracterização, uma vez que ainda se torna importante destacar os tipos de textos produzidos, e a ideologia - se esta existir. Também é importante identificar os motivos para a criação do jornal, informação essencial para compreendermos os caminhos que foram ou serão trilhados nas publicações.

A pesquisa realizada a partir do jornal *O Paladino* contou com metodologias ligadas à história nova – *Escola dos Anales* - que proporciona trabalhar com fontes variadas – bibliográficas, de imprensa jornalística, de história oral, documentos – e também temas diversos, pois se considera a história política e cultural de uma sociedade. Nesta sistemática de pesquisa, é tarefa do pesquisador valer-se de fontes e argumentos, criando assim hipóteses e almejando conclusões sobre as problematizações feitas.

Apoiando estes usos, temos Bourdê e Martin (1983) quando escrevem sobre a história nova e afirmam que:

O historiador deve proceder arquiectando hipóteses, que submete em seguida à verificação e que rectifica consequentemente. Porque não há facto histórico em si que bastaria extrair dos documentos e ligar a outros factos para construir uma série cronológica “natural” mas há “inventado e fabricado, com o auxílio de hipóteses e de conjecturas, por um trabalho delicado e apaixonante” (BOURDÉ; GUY; MARTIN; HERVÉ, 1983, p. 142).

E ainda que:

Como seus colegas das outras disciplinas, o historiador constrói seu objeto de análise ao construir um *corpus* de documentos de naturezas diversas (textos escritos, objectos, fotografias, imagens, entrevistas, etc.), com o fim de responder a uma questão colocada no passado [...]. É a *história-problema*, obra

de um analista e já não de um narrador ou de um profeta (BOURDÉ; GUY; MARTIN; HERVÉ, 1983, p. 142, grifo do autor).

Faz-se uso de fontes variadas para cercar o assunto da melhor maneira possível, para que possamos analisar as publicações do *Jornal* e assim fazer as relações necessárias que nos levem a descobrir, no caso da pesquisa citada, qual a real imagem que *O Paladino* almejava publicar dos Tiros de Guerra.

Pensando na ausência de fontes, neste caso, quando *O Paladino* deixa de ter publicações sobre os Tiros de Guerra na década de trinta, a metodologia apresenta através das constatações de Bourdé e Martin (1983, p. 151) que “alguns pioneiros da história nova pensam mesmo poder ir além da contra-utilização das fontes e poder raciocinar na e sobre a ausência de qualquer documento”, ou seja, é possível trabalhar a partir do desaparecimento das notícias dos Tiros no jornal, ou mesmo, sua relativa desvalorização no periódico, usando outras fontes que nos garantam as informações necessárias para a reconstrução do cenário histórico.

O uso da história oral, dentro da proposta da história nova, vem amparado por Alberti (2004, p. 25), quando escreve que “entrevistas de história oral permitem o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões, etc.”, auxiliando na tarefa de compreender a empresa que estava por traz do *Jornal*, e de suas relações políticas e econômicas com a sociedade.

O uso da metodologia de história oral se tornou necessária pois até então não existiam, além de entrevistas concedidas pelo proprietário da empresa *O Paladino* à radio local, publicações que referenciassem a trajetória do periódico. Realizou-se uma nova entrevista apenas para suprir as lacunas que ainda persistiam.

Pelo fato de analisar a Imprensa como meio de estudo dentro da perspectiva da história nova, convém relatar o que escreveu Zicman (1985), de que:

[...] a Imprensa é rica em dados e elementos, e para alguns periódicos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc. Seu estudo é enriquecedor sobretudo quanto se tem interesse pela História Social, História das Mentalidades e História das Ideologias (ZICMAN, 1985, p. 89).

Ou seja, pesquisando Imprensa, se está trabalhando história por novas perspectivas de estudo, onde há pluralidade de assuntos e abordagens, onde se pode ir além dos que os documentos ditos oficiais, nos levariam.

Convém também relacionarmos alguns conceitos básicos, como o de *comunicação*, *comunicação de massa*, e *representação simbólica*, visto que a Imprensa tem estas características. Assim, conforme Blikstein (1992, p. 92, grifo do autor), comunicação é a “operação de transferência por meio da qual um indivíduo torna as suas ideias e necessidades *comuns* a outros indivíduos a fim de obter uma resposta”. Esta comunicação, por sua vez, pode ser através de variadas formas, entre elas a Imprensa.

Sobre o conceito de comunicação de massa, Thompson (2002, p. 287) apresenta como sendo “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação” e também de que a expressão “massa” está relacionada à dispersão de informação a grandes grupos.

Mas alerta que:

[...] o termo “massa” não deve ser tomado em termos estritamente quantitativos; o ponto importante sobre comunicação de massa não é que um determinado número ou proporção de pessoas receba os produtos, mas que os produtos estão, em princípio, disponíveis a uma pluralidade de receptores (THOMPSON, 2002, p. 287).

Portanto, comunicação de massa significa acesso de informação a uma grande quantidade de pessoas, sem necessariamente haver relação entre o que foi produzido e o que foi absorvido por esta população, concepção importante quando se considera a Imprensa como meio de estudo.

A Imprensa vem carregada de ideias e, portanto, suas matérias podem ser consideradas representações simbólicas de uma época, de um contexto. Thompson (2002, p. 79) entende que são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros”. Adiante, acrescenta que:

[...] *formas simbólicas são expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos)*. Isto é, as formas simbólicas são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar tais formas, está buscando certos objetivos e propósitos e tentando expressar aquilo que ele “quer dizer” ou “tenciona” nas e pelas formas assim produzidas (THOMPSON, 2002, p. 185, grifo do autor).

Por isso a importância da caracterização do jornal e de quem o produz. Thompson escreve ainda que:

As formas simbólicas não são apenas concatenações de elementos e suas inter-relações: são também, tipicamente, representações *de algo*, apresentam ou representam alguma coisa, dizem algo *sobre* alguma coisa (THOMPSON, 2002, p. 189, grifo do autor).

Isto é, todo símbolo traz o significado de quem o escreveu, assim como incorporará os significados de quem o leu.

Assim como quem os elaborou, existem outros leitores que buscam desvendar seus significados. Para Chevalier e Gheerbrant (1993, p. Introdução/XII), todos “devem conjugar esforços para decifrar os enigmas que esses símbolos propõem”. Assim, poderemos ir além do que está escrito nas páginas dos periódicos. Poderemos adentrar pelos ideais que norteavam seus proprietários, redatores, anunciantes e leitores, ou seja, seu público, pois como afirma Tarde:

Há dois tipos de público para os jornais ou as revistas: um público estável, consolidado, e um público instável, flutuante. A proporção desses dois públicos é muito desigual de um periódico a outro; para os velhos periódicos,

órgãos dos velhos partidos, o segundo tipo não conta ou conta muito pouco (TARDE, 2005, p. 21).

Ou seja, faz-se necessário conhecer como a comunicação acontece na Imprensa, valendo-se como símbolo de um momento histórico, influenciando e ou se deixando influenciar.

Sobre os procedimentos metodológicos na pesquisa em imprensa, é importante lembrar que o que está sob análise é uma fonte primária, ou seja, as publicações em um jornal sobre determinado assunto, em um determinado período. Subsidiando esta análise, Elmir (1995, p. 7) atesta que “a imprensa não pode ser fonte exclusiva para qualquer pesquisa histórica. É imprescindível a pesquisa bibliográfica [...] para situar o objeto de nossa pesquisa num quadro maior de estudos sobre o nosso assunto”, e seguindo a proposta da história nova, entende-se que deve envolver além da pesquisa bibliográfica, a documental e a oral.

Sobre metodologia de pesquisa em jornais, considero o que Capelato (1988) escreveu, de que:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador busca estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais (CAPELATO, 1988, p. 21).

E ainda:

Na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado.

O historiador, ao estudar a imprensa, tem que levar em conta esses aspectos. Questionar a imagem “imprensa, espelho fiel da realidade”, implica um trabalho de reconstituição do real em suas múltiplas facetas (CAPELATO, 1988, p. 22).

Cabe, portanto, ao pesquisador analisar a fonte e sua origem, para não correr o risco de repetir o que já foi dito pelo jornal, sem a releitura importante que o historiador deve fazer, considerando principalmente, que o documento é resultado de uma montagem de acordo com os interesses de seus mentores. Neste pensar-analisar é fundamental ter ciência de que “não somos os leitores-modelo do jornal. Nós somos leitores empíricos de um jornal que teve outros leitores empíricos no momento em que este circulava” (ELMIR, 1995, p. 3). Estamos lendo jornais “de ontem”, cujas notícias já conhecemos os desdobramentos.

Entender como se deu o jornalismo no Brasil - e no caso, especificamente no Rio Grande do Sul - se fez necessário para utilização do jornal como fonte de pesquisa histórica, o que apresento adiante.

3 O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA E A INFLUÊNCIA SOCIAL, POLÍTICA E ECONÔMICA

Para entendermos como se deu o jornalismo no Brasil convém referenciar estudos que abordem o desenvolvimento da comunicação de massa, sobre o jornalismo e sua trajetória, como Thompson (2002), Traquina (2005) e Rüdiger (2003). Quanto ao jornalismo no Vale do Taquari são úteis os trabalhos de Petter (2005), Mühlen (2006), Caye (2007), Scartezini (2007) e Rizzi (2010), os quais, mesmo contemplando períodos e periódicos diferentes, trazem uma base comum sobre o jornalismo regional.

Depois de caracterizado o periódico, conhecendo sua trajetória, é necessário identificar as etapas do jornalismo no Rio Grande do Sul e os acontecimentos que movimentavam o país e o Estado.

A expansão do jornalismo no século XIX se deu através do desenvolvimento da imprensa e do comércio de jornais e, mais ainda no século XX, com os novos meios de comunicação, como o rádio e a televisão. Estes foram os precursores da comunicação em massa dos novos tempos. No século XIX, aumentaram as tiragens dos jornais visando o lucro. Surge o *Novo Jornalismo* trazendo em suas páginas fotos, ao invés de opiniões. Conforme Traquina (2005), é também o desenvolvimento econômico e tecnológico das grandes cidades, fatores sociais e políticos, bem como a profissionalização dos trabalhadores que marcarão este século.

A indústria jornalística dos séculos XIX e XX pode ser classificada em duas tendências: “primeiro, o *crescimento e consolidação da circulação massiva de jornais*; e segundo, a *crecente internacionalização de coleta das notícias*.” (THOMPSON, 2002, p. 234, grifo do autor). Portanto, para fins industriais era preciso primeiro garantir mercado para o jornal que se fundava, para adiante ir à busca de novos atrativos, o que na história do jornalismo foram as parcerias entre agências de notícias e as redações dos jornais³.

No entanto foi a publicidade, o carro chefe do final do século XIX. Veio apoiada nos avanços gráficos que impulsionaram o mundo jornalístico. Neste período era discutida a importância da imprensa e sua liberdade, tendo o Novo Jornalismo a função de vigiar o poder político e de fornecer as informações necessárias aos cidadãos, além de render lucros a seus proprietários, que precisavam, inicialmente, levar os periódicos ao alcance de todos.

A escolarização em massa no século XIX, propiciada pelas escolas públicas, permitiu a popularização da imprensa graças à difusão da leitura. Preços baixos para os periódicos era a tática de negócio. Junto à máquina fotográfica, vieram as imagens estampadas nos jornais e a necessidade da exatidão dos fatos. Surgiu também a figura do repórter. A necessidade de transmitir a notícia imediata foi resolvida com a criação do telégrafo, no século XIX (TRAQUINA, 2005).

3 Segundo Thompson (2002), as agências transmitiam informações entre os centros comerciais e estavam localizadas nas principais cidades, sendo criadas para atender a necessidade de obtenção de notícias internacionais e assim reproduzi-las pelas cidades interioranas.

No Brasil do século XX, o desenvolvimento da agricultura e o aumento da urbanização criaram um novo público consumidor, o que fez com que os jornais políticos perdessem seu espaço para periódicos mais noticiosos e imparciais. No Rio Grande do Sul, isso aconteceu de forma mais lenta, visto a importância da política no Estado. A influência partidária se estendeu até os idos de 1930 na capital, indo até os anos sessenta em alguns pontos do interior. Os jornais eram pouco comerciais e recheados com textos opinativos sobre assuntos das comunidades locais. Continham notas sobre notícias internacionais, possibilitadas através da troca e circulação de jornais das capitais e grandes cidades, para as redações do interior (SCARTEZINI, 2007).

Rüdiger (2003) classifica o jornalismo em duas fases:

[...] a *primeira fase*, comandada pelo conceito de *jornalismo político-partidário*, foi dominante desde a sua formação, em meados do século passado, até a década de 1930. A *segunda*, dominada pelos conceitos de *jornalismo informativo e industrial cultural* começou a se gestar lentamente no início do século, quando surgiram as primeiras empresas jornalísticas. (RÜDIGER, 2003, p. 13-14, grifo meu).

Ainda conforme esse mesmo autor, é importante ressaltar que esses avanços variavam, considerando a urbanização e a industrialização das cidades em que estavam inseridos.

Rüdiger diz também que nos primeiros 25 anos dos jornais do Rio Grande do Sul, estes trabalhavam praticamente como meio de difusão de literatura política, e que as matérias “eram elaboradas fora do contexto do jornal, cujos responsáveis simplesmente paginavam, acrescentando, quando fosse necessário, alguma nota. O resto do espaço era preenchido com pequenos anúncios e transcrições da literatura corrente” (RÜDIGER, 2003, p. 28). Em períodos eleitorais, diz também que os jornais eram os meios de difusão de propaganda política, e caso o candidato fosse eleito, era comum que a administração mantivesse as publicações no periódico.

O Rio Grande do Sul viveu o apogeu republicano, centrado na elite letrada rio-grandense, desde 1895. O Partido Republicano se dispunha a realizar a “modernização econômica, social e política exigida” (PESAVENTO, 1993, p. 2005), enquanto congregava pecuaristas, setores médios urbanos e colonos agricultores. No início do século XX, a propaganda do Partido Republicano se intensificou, visando ainda mais seu fortalecimento no Estado:

Com o desaparecimento do líder do PRR⁴, a *imprensa partidária acelera o ritmo de publicações* de artigos laudatórios às idéias de Castilhos. Esses artigos têm sempre o mesmo conteúdo e o mesmo tom de admiração desmedida. Publicados na capital e no interior, geralmente em datas politicamente significativas, eles insistem na perfeição da ordem constitucional projetada por Castilhos e a ela atribuem o “progresso” e a “ordem” vigentes no Estado (BOEIRA, 1980, p. 41, grifo meu).

4 Júlio de Castilhos morre em 1903.

Era a força republicana se fazendo sentir pelo Estado. Força esta que perde intensidade, devido aos problemas administrativos e os resquícios da Revolução de 1923⁵, que almejava a saída dos republicanos do poder.

Em 1927, com a revisão das constituições estadual e federal, reduzem os conflitos do Partido Republicano com a oposição, além de terem reduzidos os elementos positivistas comtianos⁶ que tanto marcaram o Partido até então. Getúlio Vargas chega em 1928 ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, sendo no ano seguinte indicado à Presidência da República, o que desencadearia a Revolução de 1930.

Sobre a imprensa republicana, Boeira (1980, p. 50) relata também que “A Federação” - jornal de grande repercussão no estado e que servia de fonte para muitos outros jornais menores, regionais - “mais se preocupavam em elogiar as decisões econômicas do executivo estadual do que em analisá-las ou fundamentá-las”, ou seja, a ligação republicana é tão forte que neste momento o ideário de jornalismo imparcial e verídico que conhecemos hoje, não existia.

Quanto à industrialização no Rio Grande do Sul, propósitos diferentes do Partido Republicano Rio-grandense - que buscava a integração dos produtos no país, enquanto que a União visava a industrialização regional - também foram sentidos no início dos anos dez. As medidas tomadas no Estado visavam o comércio e a circulação de produtos - geralmente matérias-primas agropecuárias trabalhadas quase que artesanalmente -, visto os constantes investimentos no ramo dos transportes no decorrer da década. São Paulo surge como centro econômico do país, por ali concentrar as riquezas do café e os investimentos na indústria, logo, também será o centro de maior desenvolvimento da Imprensa.

5 A Revolução de 1923 foi organizada pela oposição ao Partido Republicano, liderada por Assis Brasil que perdeu a eleição de 1922 para o republicano Borges de Medeiros, que adentrava para o quinto mandato no governo do Estado. Não aceitando os resultados, em 25 de janeiro de 1923, dia da posse, iniciaram as hostilidades na região serrana do Rio Grande do Sul. Através da tática de guerrilha, faziam ataques dispersos. Não havendo possibilidade de controle por nenhum dos lados, a solução seria a assinatura do Pacto de Pedras Altas, quando definitivamente o Partido Republicano se afastaria do poder, através da convocação de novas eleições e da proibição de reeleição (ANTONACCI, 1993).

6 Os elementos comtianos foram adaptados aos interesses do Partido Republicano. Valendo-se de ideais de respeito e obediência à hierarquia e ao conceito de cientificidade, utilizavam-se as ideias de Comte quando era conveniente. Quando divergiam da proposta do PRR, eram ignoradas. Após a morte de Julio de Castilhos, em 1903, o positivismo de Comte passa gradativamente a ser substituído pelo positivismo de Júlio de Castilhos (BOEIRA, 1980).

A década de vinte inicia com a marca das grandes empresas, visto que as pequenas e médias, em grande parte, sucumbiram no pós Primeira Guerra⁷ que exigia modernização e investimentos para se manterem competitivas. As melhorias no transporte proporcionaram aos produtos paulistas, o mercado gaúcho. Com preços que não condiziam com as indústrias tradicionais do Rio Grande do Sul, àqueles produtos passaram a se consolidar no comércio sulino.

A década de 1930, para a política brasileira, já iniciou com conflitos, cujas consequências refletiram diretamente nos anos seguintes. A derrota nas eleições de 1929 da Aliança Liberal que indicava Getúlio Vargas à presidência, para o candidato da situação Júlio Prestes, foi o estopim para a Revolução de 30, quando Getúlio tomou a capital federal e o poder, assumindo a presidência em um governo provisório e governando por decretos, uma vez que o sistema legislativo havia sido dissolvido.

A crise de 1929 dos Estados Unidos da América se fazia sentir com mais intensidade no correr do ano de 1930 e adiante. Ao assumir, Getúlio Vargas determina uma série de medidas visando conter a crise, o que implicava diretamente no maior produto de exportação – e conseqüentemente o que atraía a crise para o país – o café. A crise no campo com a estocagem do produto pela falta de mercado, aliada às medidas do governo como a proibição de novas plantações, forçaram a saída do trabalhador rural do campo em busca da cidade, o que em seqüência, forçou o desenvolvimento urbano e industrial.

Junto a estas alterações estão os momentos pelos quais passou o Partido Republicado Rio-grandense, que também tem sua importância diminuída com o avanço dos anos trinta. Neste momento outras personagens passam a figurar no cenário nacional, além dos acontecimentos internacionais, como a Segunda Guerra Mundial, no final da década. Essas alterações atingiram principalmente os jornais com vínculo republicano.

Em 1934 é promulgada a nova Constituição, seguida pela eleição no Congresso, que elegeu Getúlio Vargas presidente constitucional para o mandato de 1934-1938. Neste período, incentivos à industrialização como fórmula para alavancar o país e retirá-lo do patamar de exportador agrícola tornou-se a ordem do dia, que veio acompanhada de melhorias legislativas para a assistência à saúde, ao trabalhador e à educação, passando inclusive o ensino primário a ser gratuito e obrigatório.

No Rio Grande do Sul pós 1934, Flores da Cunha, que até então era interventor, passa a ser governador e seu partido, o PRL – Partido Republicano Liberal – torna-se partido de situação, enquanto que o Partido Republicano Rio-

7 Conflito envolvendo as principais potências mundiais. Aconteceu entre os anos de 1914 e 1918, na Europa. Através de alianças, surgiram dois grandes blocos: a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália) e a Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia). A estes dois blocos, os demais países selaram alianças ou declarações de guerra. Ao final dos combates, uma crise industrial se espalhou pelo planeta, exigindo modernização das empresas e consideráveis investimentos em tecnologia.

grandense figurou em segundo plano, desencadeando um processo de desinteresse nas publicações sobre o positivismo: “[...] a própria imprensa republicana, por outro lado, já não mostra a boa-vontade de antigamente das declarações dos positivistas locais [...]. De 1928 a 1937 as publicações e manifestações dos positivistas rio-grandenses tornaram-se cada vez mais raras e espaçadas” (BOEIRA, 1980, p. 58-59).

A relação entre este distanciamento do Republicanismo com os meios de comunicação e propaganda torna visível o enfraquecimento do partido. Neste contexto, a década foi marcada pelos agrupamentos sindicais e de cooperativas: “A sindicalização foi incentivada pelo governo [...]. Os produtores sindicalizados em troca dos favores recebidos, prestavam apoio político ao governo (PESAVENTO, 1997, p. 110)”. Isto favorecia a administração e afastava o perigo de retorno à ordem vigente durante a chamada República Velha, ou seja, afastava o Partido Republicano do poder.

No entanto a formação da Dissidência Liberal por ex-integrantes do Partido Republicano inicia uma oposição ainda mais forte, que leva à renúncia de Flores de Cunha em 1937, quando assume outro indicado por Getúlio Vargas, o General Manoel de Cerqueira Daltro Filho que, apoiado por políticos que receberam cargos públicos, passaram a incentivar as medidas que culminariam em 1937, com o golpe que desfez o Legislativo em todo o país e iniciou o período do Estado Novo, com governo autoritário de Vargas (PESAVENTO, 1997).

O Estado Novo não altera o quadro econômico sulista, que continuava fornecendo gêneros agropecuários enquanto o sudeste ascendia no campo industrial. Por sua vez, as determinações que visavam a centralização do poder se tornavam mais fortes, com a extinção dos partidos políticos, a queima das bandeiras estaduais e proibição dos escudos, hinos e demais símbolos que fizessem referência à organização regional. Não se pode esquecer que também a coleta de impostos ficou atrelada ao governo federal, o que dava aos estados e municípios uma maior dependência àquele governo (PESAVENTO, 1997).

Neste contexto, inovações no mundo jornalístico – em nível nacional e estadual - se faziam necessárias, afinal, a população consumidora dos periódicos também estava se alterando⁸. Junto à máquina fotográfica, vieram em maior quantidade as imagens estampadas nos jornais, os clichês⁹. O repórter, assim como o telégrafo e o rádio se tornaram indispensáveis na captação de notícias.

8 Lembro a escolarização em massa, que proporcionou um novo público consumidor. Além do ensino primário, o secundário e superior foram também incentivados.

9 Os clichês eram as imagens – gravuras, fotografias - fundidas em chumbo, para que pudessem ser organizadas junto como os linotipos, para a impressão do jornal. Depois de usados para a impressão de uma edição, eram guardados para uma possível reutilização. A confecção do clichê era feita em fábrica especializada em Porto Alegre, o que encarecia sua utilização, visto que dificilmente voltava a ser utilizada. (SCHWERTNER, 2010).

A industrialização no país favoreceu a tecnologia empregada nas tipografias e com isso, o aumento nas tiragens dos periódicos, que eram distribuídos com maior facilidade devido ao aumento e a melhoria das estradas, assim como através dos serviços dos Correios.

Mesmo com tais facilidades, era ainda o restrito número de assinantes que garantiam ou não, a sobrevivência do periódico, devido aos custos com papel, mão-de-obra e matéria-prima, que eram considerados maiores do que o de montar a tipografia (RÜDIGER, 2003).

Torna-se importante destacar que o exposto acima compreende o segundo momento do jornalismo gaúcho, pois conforme Rüdiger:

[...] o jornalismo gaúcho conheceu até agora duas fases ou *regimes jornalísticos*. A primeira fase, comandada pelo conceito de jornalismo político-partidário, foi dominante desde a sua formação, em meados do século passado, até a década de 1930. A segunda, dominada pelos conceitos de jornalismo informativo e industrial cultural, começou a se gestar lentamente no início do século, quando surgiram as primeiras empresas jornalísticas (RÜDIGER, 2003. p. 13-14, grifo do autor).

E assim, conhecendo as etapas pelas quais passou o jornalismo gaúcho e os acontecimentos na economia e política do Brasil e conseqüentemente, Rio Grande do Sul – principalmente entre o início dos anos 1920 até os anos trinta - é possível entender o todo que, reunido, explica as alterações que iremos ver nos diversos periódicos que surgiram por nosso estado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender o que se passava nos campos político, econômico e social do país e do estado se torna extremamente necessário quando se dispõe a estudar um meio que existiu para noticiar o que acontecia nestes segmentos. Compreender que estes fatores foram responsáveis pelas principais alterações – sejam tecnológicas, de mercado ou de profissionais – é outro ponto relevante.

O que não se pode abandonar no estudo em Imprensa é a interação de fontes, pois como apresentado anteriormente, ela é necessária tanto para compreendermos a história do periódico, quanto para analisarmos o que foi produzido por ele.

O historiador ao fazer suas constatações, deve ter ciência de que buscou estar o mais próximo possível do tempo histórico do qual escreve, mas também deve ter consciência de que não é um homem “do ontem” e que isto, baseado em seus estudos, incidirá incontestavelmente em suas análises, conclusões e escritos, afinal, conhecemos os desdobramentos das notícias, mesmo que elas não tenham sido publicadas a posterior, pelo periódico.

Atrevo-me a encerrar lembrando que o jornal *é uma fonte* histórica e não *a história* propriamente dita, concepção esta que não pode fugir aos olhos do pesquisador, durante seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. A Revolução de 1923: As oposições na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.) **RS: economia e política**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 229-253.
- BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. 10. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: FREITAS, Décio (Org.) **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 34-59.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança de Velhos. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAYE, Márcio Marquette. **Instabilidade política e social na Revolução Federalista**: A imagem da guerra no Jornal O Taquaryense (1893 – 1895). Monografia (graduação). Curso de História, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2007.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- DALMÁZ, Mateus. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ELMIR, Cláudio Pereira. Armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, dezembro de 1995, p. 19-29.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. **Imprensa Farroupilha**: Antologia e índice. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1994.
- MÜHLEN, Leonel Renato von. **Poder e Ideologia**: A imagem do regime militar no jornal O Taquaryense (1964-1969). Monografia (graduação). Curso de História, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A República nova gaúcha: O Estado e os pecuaristas (1930-1937) **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS**. Porto Alegre, Anos VII e VIII – 1979 e 1980, p. 157-173.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. República velha gaúcha: “Estado autoritário e economia”. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.) **RS: economia e política**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 193-228.

PETTER, Josi Graciela. **Formalidades e Banalidades: A imagem do governo Geisel no jornal Nova Geração (1974-1978)**. Monografia (graduação). Curso de História, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2005.

REICHEL, H. Eloisa Jochims. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.) **RS: economia e política**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 255-275.

RIZZI, Franciele. **O fim do Regime Militar nas páginas da Força do Vale (1984-1985)**. Monografia (graduação). Curso de História, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2010.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

SCARTEZINI, Deise Delazeri. **Jornal Nova Bréscia – 1992 a 2007: Preservando a história de Nova Bréscia**. Monografia (graduação). Curso de Comunicação, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2007.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

ZICMAN, Renée Barata. História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas. **Revista História e Historiografia**. São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.

WEBER, Daniela Maria; DALMÁZ, Mateus. A imagem dos “Tiros de Guerra” no jornal O Paladino entre as décadas de 1920 e 1930. **Revista Destaques Acadêmicos**. Ano 2, N.2, 2010 – CCHJ/UNIVATES. Disponível em: <<http://www.univates.br/files/files/univates/editora/revistas/destaquesacademicos/ano2n2/Artigo2.pdf>> Acesso: 10 ago. 2010.

FONTES DOCUMENTAIS

Jornal *O Paladino* – Edições de número 1 a 899, entre os anos de 1921 a 1939.

Álbum do Cinquentenário de Estrela. Biblioteca Municipal de Estrela.

Arquivo Histórico de Lajeado. Acervo: Tiro de Guerra

ENTREVISTAS

SCHWERTNER, Luiz Roque. Entrevista ao programa Realidade, da Rádio Alto Taquari. Estrela, 7 de setembro de 2009.

SCHWERTNER, Luiz Roque. Entrevista ao programa Realidade, da Rádio Alto Taquari. Estrela, 6 de setembro de 2010a.

SCHWERTNER, Luiz Roque. Depoimento Oral. Estrela, 11 de setembro de 2010b.